



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS V

CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS

DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

IZABELLA MARIA FALCÃO DA CUNHA

**A ATUAÇÃO INDIVIDUAL DO MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES
ERNESTO ARAÚJO À FRENTE DO ITAMARATY EM MEIO À PANDEMIA DE
COVID-19**

JOÃO PESSOA

2022

IZABELLA MARIA FALCÃO DA CUNHA

**A ATUAÇÃO INDIVIDUAL DO MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES
ERNESTO ARAÚJO À FRENTE DO ITAMARATY EM MEIO À PANDEMIA DE
COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. André Mendes Pini

JOÃO PESSOA

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C972a Cunha, Izabella Maria Falcão da.
A atuação individual do Ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo à frente do Itamaraty em meio à pandemia de covid-19 [manuscrito] / Izabella Maria Falcao da Cunha. - 2022.
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. André Mendes Pini, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. Política externa brasileira. 2. Covid-19. 3. Ultradireita. 4. Metapolítica. 5. Tradicionalismo. 6. Ernesto Araújo. I. Título

21. ed. CDD 327.81

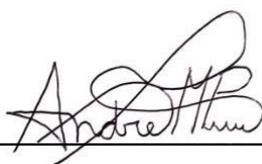
IZABELLA MARIA FALCÃO DA CUNHA

A ATUAÇÃO INDIVIDUAL DO MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES ERNESTO
ARAÚJO À FRENTE DO ITAMARATY EM MEIO À PANDEMIA DE COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado Departamento do Curso de
Relações Internacionais da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Relações
Internacionais.

Aprovada em: 31/03/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. André Mendes Pini (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Dr^a. Cristina Carvalho Pacheco
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Filipe Reis Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IPRI	Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais
MRE	Ministério das Relações Exteriores
OMC	Organização Mundial de Comércio
OMS	Organização Mundial da Saúde
PEB	Política Externa Brasileira
WHO	World Health Organization

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A BASE IDEOLÓGICA DE ERNESTO ARAÚJO.....	10
3	A POLÍTICA EXTERNA DE BOLSONARO SOB A GESTÃO ERNESTO ARAÚJO.....	15
4	A POLÍTICA EXTERNA DE BOLSONARO E O COMBATE AO COVID-19	20
5	CONCLUSÃO	23
	REFERÊNCIAS	25

A ATUAÇÃO INDIVIDUAL DO MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES ERNESTO ARAÚJO À FRENTE DO ITAMARATY EM MEIO À PANDEMIA DE COVID-19

Izabella Maria Falcão da Cunha*

RESUMO

O presente artigo busca entender como o enfrentamento da pandemia de Covid-19, pelo Itamaraty, foi influenciado pela ideologia de ultradireita do chanceler Ernesto Araújo, considerando que sua gestão à frente do Ministério das Relações Exteriores marcou uma quebra dos padrões tradicionais da política externa brasileira. Para tanto, por meio da metodologia de estudo de caso, analisaram-se os discursos e as posturas do ex-Ministro em busca de compreender as motivações intelectuais e ideológicas por trás das ações e decisões do Itamaraty ao longo de sua gestão. Desse modo, a partir do enquadramento, tanto do governo Bolsonaro, quanto de Araújo, no espectro político, na ultradireita, vislumbra-se o negacionismo com relação à Covid-19 como parte integrante da retórica radical do ex-Chanceler, denunciando as medidas “totalitaristas” de combate à pandemia, que estariam vinculadas ao “marxismo cultural”, e criticando o “comunavírus” enquanto criação da China. Com isso, conclui-se que os rumos tomados pela sua gestão foram efetivamente prejudiciais na adoção de políticas públicas de enfrentamento ao vírus em âmbito nacional, uma vez que influenciou a menor aquisição de doses de vacina na Covax Facility da OMS, no relaxamento das medidas sanitárias, na descredibilização nos órgãos internacionais fundamentais no combate à pandemia e, por fim, causou graves prejuízos à imagem internacional do Brasil.

Palavras-chave: Política externa brasileira. Covid-19. Ultradireita. Metapolítica. Tradicionalismo. Ernesto Araújo.

ABSTRACT

The present article seeks to understand how the confrontation of the Covid-19 pandemic by the Itamaraty was influenced by the Chancellor's Ernesto Araújo far right ideology, considering that his administration ahead of the foreign ministry has marked a rupture of Brazilian foreign policy's traditional standards. To do so, by using the methodology of case study, the speeches and ideologies behind the actions and decisions of Itamaraty over his management were analyzed. Therefore, based on Bolsonaro's and Araújo's government framing in the far right of the political spectrum, the denialism regarding Covid-19 is seen as being part of the radical rhetoric of the ex-Chancellor, as he reports the “totalitarian” measures against the pandemic, linked to “cultural Marxism”, and criticizes the “comunavirus” as a creation by China. Thereby, it is concluded that the paths led by his administration were effectively damaging in the adoption of public national policies facing the virus, since they influenced in the purchase of a smaller amount of vaccine doses by the Covax Facility in the WHO, in a softening in the sanitarian measures, in a lack of credibility of the important international organs in the combat of the pandemic and, finally, in severe damage to Brazil's international reputation.

* Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba, izabellamfcunha@gmail.com.

Keywords: Brazilian foreign policy. Covid-19. Far right. Metapolitics. Tradicionalism. Ernesto Araújo.

1 INTRODUÇÃO

Ernesto Henrique Fraga Araújo, diplomata brasileiro, foi Ministro das Relações Exteriores de janeiro de 2019 – quando da posse do Presidente Jair Bolsonaro – até março de 2021. Nesse pouco mais de dois anos em que ocupou o cargo da chancelaria, deixou marcas profundas na política externa brasileira, com traços bem marcados de sua base ideológica presentes em suas decisões, pronunciamentos oficiais, entrevistas e publicações em sua página pessoal na internet. O período durante o qual Araújo ocupou o cargo de Chanceler do Brasil também coincide com o início da pandemia de Covid-19, que se tornou o evento internacional mais marcante do breve século XXI. O presente trabalho, portanto, debruça-se sobre a gestão Araújo à frente do Itamaraty de modo a analisar sua influência nas políticas públicas adotadas pelo governo Bolsonaro frente à pandemia de Covid-19.

Olavista convicto – como são chamados os seguidores dos pensamentos do autoproclamado professor e filósofo Olavo de Carvalho –, Araújo desempenhou um papel crucial na execução da Política Externa Brasileira também como ideólogo, oferecendo constantes críticas ao que chamava “globalismo”. Esse papel se tornou crítico em 2020, quando do início da pandemia do coronavírus, em que o vírus demonstrou que só poderia ser combatido com medidas coordenadas globalmente. É nesse momento que a análise da base ideológica defendida por Araújo, assim como pelo governo Bolsonaro, torna-se fundamental para compreender profundamente o que aconteceu em 2020 e, com isso, refletir o que poderá acontecer nos próximos tempos.

O resultado da pesquisa aponta para um papel fundamental de Ernesto Araújo na legitimação ideológica das posturas negacionistas do governo Bolsonaro com relação à pandemia de Covid-19. Percebeu-se a desinformação, a negação e o uso de inimigos imaginários como parte da retórica do ex-Ministro de Relações Exteriores, ao denunciar as medidas “totalitaristas” de combate à pandemia, o “comunavírus” enquanto invenção chinesa e o “marxismo cultural” como responsável pelas medidas sanitárias, de forma a influenciar sobremaneira os resultados da pandemia no Brasil.

A metodologia do trabalho consiste em estudo de caso, utilizando da análise de discurso de fontes primárias, como os pronunciamentos oficiais do Ministro Ernesto Araújo (ARAÚJO 2019; ARAÚJO 2020), as suas publicações em sua página pessoal “Metapolítica 17 Contra o Globalismo” e seu artigo “Trump e o Ocidente” (ARAÚJO, 2017), publicado nos Cadernos de Política Exterior do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI), para analisar os princípios e ideologias que guiaram a Política Externa do governo Bolsonaro. É

fundamental essa compreensão para entender o que aconteceu, posteriormente, durante a pandemia, e analisar as decisões que foram tomadas.

No segundo capítulo, haverá uma abordagem teórica das bases ideológicas e intelectuais por trás da atual direita brasileira, buscando localizá-la no espectro político e, desse modo, entender seus posicionamentos e motivações nos últimos anos. O capítulo 3, por sua vez, busca observar a maneira pela qual essa ideologia pautou a condução da política externa brasileira sob a gestão de Ernesto Araújo, analisando seus discursos e os rumos da PEB. Por fim, o Capítulo 4 busca relacionar essas questões com a pandemia de Covid-19 que assolou o mundo a partir de 2020, analisando, então, as decisões do MRE e suas consequências em meio à crise sanitária global.

2 A BASE IDEOLÓGICA DE ERNESTO ARAÚJO

O presente capítulo busca contextualizar as bases ideológicas do Ex-Ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo, de modo a compreender-se a maneira pela qual o negacionismo da gestão Bolsonaro foi legitimado intelectualmente. Demonstra-se, a seguir, os vínculos ideológicos de Araújo com a ultradireita global, em um corpo intelectual instrumentalizado para promover o ceticismo com relação à pandemia do coronavírus.

Nascida na Revolução Francesa, a noção de “direita” e “esquerda” sobreviveu ao longo dos séculos e veio a tomar outras conotações, abarcando questões mais amplas e se desenvolvendo com o tempo (BOBBIO, 1997). Na visão de Norberto Bobbio (1997), essa divisão é uma metáfora espacial extremamente banal e foi por puro acidente que esses dois polos políticos foram chamados assim e tenham continuado dessa forma. Àquela época, quando os lugares em que os indivíduos se sentavam, em relação ao presidente do Parlamento francês, definia seu posicionamento político, os que estavam à direita eram favoráveis ao Antigo Regime e sua ordem hierárquica, e os que se sentavam à esquerda defendiam a democracia e a soberania popular (MUDDE, 2019). São dois termos antitéticos que dividem o mundo ideológico e político, contrastando de tal forma que não podem estar juntos em nenhum movimento ou doutrina (BOBBIO, 1997). No entanto, hoje, além de seu aspecto socioeconômico predominante, esses termos têm incorporado muitas temáticas de âmbito sociocultural – como a questão dos direitos das minorias e dos imigrantes (MUDDE, 2018).

No que concerne à terminologia, há a “direita *mainstream*”, aquela conservadora e a favor do liberalismo econômico – não abordada de maneira profunda no presente trabalho– e há um outro grupo, mais radical e hostil à democracia (MUDDE, 2019). Esse último compõe

a ultradireita, que pode ser dividida em dois subgrupos, sendo estes: a extrema-direita e a direita radical (MUDDE, 2019).

Uma análise mais abrangente da ultradireita a caracteriza no espectro político sobretudo pela sua defesa de uma hierarquia entre os grupos sociais, dividindo-os entre *insiders* e *outsiders* com base em parâmetros de etnia e raça, de forma que haja “inimigos” dentro da sociedade e estes, supostamente, seriam uma ameaça à sobrevivência da nação e à sua integridade, gerando antissemitismo, racismo e xenofobia entre os indivíduos daquela nação (JÜPSKAS; LEIDIG, 2020; PINI, 2021). Contudo, o conceito de ultradireita é heterogêneo e não há um consenso entre os autores, de forma que, devido à vastidão de definições e ideias envolvendo o fenômeno, utiliza-se uma conceituação em que há a maior concordância e abrangência de aspectos. É assim que Mudde (2000) define a ultradireita como “movimentos – violentos ou não violentos - cujas pautas elencam ao menos três dos seguintes temas: nacionalismo, racismo, xenofobia, antidemocracia ou autoritarismo”, podendo alguns autores preferirem adicionar um atributo ou outro em sua caracterização.

A extrema-direita vai contra a própria democracia, ou seja, a soberania popular e o governo do povo; e dois dos piores exemplos de extrema-direita seriam o fascismo de Mussolini e o nazismo de Hitler (MUDDE, 2019). Já a direita radical aceita o cerne da democracia, ao mesmo tempo em que se opõe a alguns fatores essenciais à democracia liberal, como os direitos das minorias e a separação de poderes (MUDDE, 2019). Para Mudde (2019), enquanto a primeira é revolucionária, a segunda é mais reformista. Isto é, enquanto a extrema-direita muitas vezes vai a extremos de autoritarismo e revoluções – portanto, revolucionária –, a direita radical está mais na posição de manter o sistema da forma que está em geral, porém modificando-o nos seus próprios termos e tempo. Pensa-se em exemplos como a igualdade entre os três poderes no Brasil, o sistema eleitoral e a liberdade de imprensa, todos fundamentais para a democracia, e que, quando são criticados e colocados como duvidosos por líderes de direita radical, essa é uma forma de ir contra o sistema democrático, fragmentando-o em seus fundamentos.

Essa discussão e definição teórica de o que é “extrema-direita”, “direita radical” e “ultradireita” se fazem fundamentais no campo do debate político por não serem úteis apenas do ponto de vista da teorização. Vê-se com clareza sua aplicação prática pela observação da própria realidade: quando, por exemplo, percebe-se que em alguns países, como a Alemanha, grupos da “extrema-direita” são passíveis de serem banidos, e grupos da “direita radical” fazem parte do tabuleiro político, sendo eleitos (MUDDE, 2019).

Mudde (2000) entende que a ascensão de partidos extremistas de direita vem em ondas – algo que tem sido observado, por outros autores, em vários países da Europa Ocidental. Atualmente, o mundo estaria passando pela “Quarta Onda” da ultradireita no plano internacional. Algo que ilustra esse movimento é a ascensão em massa, nos últimos anos, de partidos e líderes da ultradireita. Enquanto, há algumas décadas, a ultradireita esteve principalmente nas margens da política – quando grupos neonazistas mal podiam protestar nas ruas sem serem presos e partidos anti-imigração não tinham vez –, hoje se vê o movimento contrário; isto, é sua disseminação (MUDDE, 2019). Estes grupos têm amplo espaço nas redes sociais e seus discursos foram normalizados. Índia, Estados Unidos, Hungria e Polônia são alguns exemplos de onde obtiveram sucesso eleitoral, além do Brasil de Jair Bolsonaro, que é o foco do presente trabalho.

A “Terceira Onda” (de 1980 a 2000) aconteceu na marginalização, com resistências por parte da população, descontentamento e protestos. Já a “Quarta Onda”, vivenciada agora, tem sido marcada pela popularização dos partidos e líderes da direita radical (MUDDE, 2019). Assim, Mudde (2019) sustenta que a eleição de Donald Trump é, de muitas formas, ilustrativa de como a ultradireita em geral – e o populismo radical de direita em particular – foi normalizada e se tornou dominante no século XXI. O mesmo pode ser observado no Brasil de Jair Bolsonaro, no qual ideias machistas, homofóbicas e antidemocráticas foram incorporadas à campanha eleitoral vencedora em 2018.

Ao utilizar o termo “fascismo” ou “política fascista” para denominar qualquer ultranacionalismo – seja ele étnico, religioso ou cultural – em que há um líder autoritário representando a nação, Jason Stanley (2020) aborda como característica mais marcante desse tipo de política, a divisão. Isto é, a distinção entre um “nós” e um “eles” que seria criada e solidificada por essa política. Ademais, tais políticos iriam aniquilar um senso comum da história e criar um passado mítico para respaldar suas ideias, distorcendo a linguagem e promovendo o anti-intelectualismo – com ataques a universidades e à educação em geral, pois poderiam contestá-los. Dessa forma, essa política terminaria por criar um estado de irreabilidade, onde o debate fundamentado seria substituído por teorias da conspiração e notícias falsas (STANLEY, 2020). Conseqüentemente, essa política torna possível a sedimentação cada vez maior de crenças falsas e perigosas que vão surgindo devido a essa forma de governar. Aliando isso à troca da realidade pelos discursos de um só indivíduo – ou um partido –, numa conjuntura em que mentiras repetidas vão destruindo o espaço de informação, a política fascista substitui a discussão fundamentada por medo e raiva

(STANLEY, 2020). Quando isso acontece e essa política ultranacionalista consegue distorcer a memória coletiva, contando sua versão dos fatos históricos, e questionando as universidades e o saber acadêmico, ela coloca a própria realidade em dúvida.

Na política fascista, analisada por Stanley (2020), os ultranacionalistas evocam uma visão mítica do passado, um passado puro que foi destruído de forma trágica. Esse passado pode ser puro do ponto de vista religioso, racial, cultural ou, mesmo, das três formas juntas. Contudo, há algo em comum: uma versão extrema da família patriarcal impera, dominante, em todas as versões de passados míticos fascistas (STANLEY, 2020). Essa idealização serve de base de identidade para a nação governada, em que esse passado romantizado e mitificado se torna um dos fundamentos do futuro ideal. De forma que, para eles, olha-se a história para repeti-la. “Na retórica de nacionalistas extremos, esse passado glorioso foi perdido pela humilhação provocada pelo globalismo, pelo cosmopolitismo liberal e pelo respeito por “valores universais”, como a igualdade.” (STANLEY, 2018, p. 20).

Ao se discutir a distorção da realidade, pensa-se imediatamente em teorias conspiratórias – e nada mais natural. Impossível não as ver na política atual, perceber suas consequências nos EUA pós-Trump e as implicações de sua assimilação no Brasil de Bolsonaro. Segundo Stanley (2020), o propósito das teorias de conspiração é o de levantar suspeitas gerais, de forma que elas não agem como informações comuns, visto serem usualmente tão estranhas que não se espera que alguém acredite nelas de fato. E, nessa finalidade, alia-se outro fator: o de que, no momento em que essas teorias surgem – seja a do “Pizzagate” de Trump, a dos “Protocolos judaicos” de Hitler, a do “vírus chinês” de Bolsonaro ou do “Plano Soros” de Viktor Orbán – e os veículos midiáticos não as cobrem, isso é utilizado para desacreditar e deslegitimar a grande mídia como fazendo parte dessa conspiração (STANLEY, 2020).

Sobre essa temática, Hannah Arendt, em “Origens do totalitarismo”, observa que:

The effectiveness of this kind of propaganda demonstrates one of the chief characteristics of modern masses. **They do not believe in anything visible, in the reality of their own experience; they do not trust their eyes and ears but only their imaginations**, which may be caught by anything that is at once universal and consistent in itself. **What convinces masses are not facts, and not even invented facts, but only the consistency of the system of which they are presumably part.** Repetition, somewhat overrated in importance because of the common belief in the masses’ inferior capacity to grasp and remember, **is important only because it convinces them of consistency in time** (ARENDDT, 1973, p. 351, grifo nosso).

Ademais, uma perspectiva ideológica amplamente percebida por estar presente no atual governo e, especificamente, no Ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo, é o

Tradicionalismo. Os Tradicionalistas se opõem à Modernidade – aqui, enquanto conceito histórico e sociológico (TEITELBAUM, 2020). Isto é, são contra as transformações geradas pela chamada Era Moderna, em que o progresso e a razão tornaram-se a meta e o caminho de todas as realizações humanas. Modernização essa que promoveu a ciência, e tudo o que é matematicamente comprovado, em detrimento do que não é, fazendo a religião perder força no ambiente público em favor da razão (TEITELBAUM, 2020). Movimento também responsável por organizar grandes massas de indivíduos no meio urbano, pela produção industrial e pelo consumo. Assim, assentando-se nas bases do progresso, e de que a inovação humana melhora o mundo, a Modernidade tende a levantar as bandeiras da igualdade e da liberdade – algo rechaçado tanto pelos Tradicionalistas quanto pelos ultranacionalistas. (TEITELBAUM, 2020).

Ao adotar uma visão de mundo que enxerga a história como cíclica, os Tradicionalistas entendem o passado não como algo para se esquecer ou superar, mas como algo a ser almejado e inevitável: o futuro (TEITELBAUM, 2020). O Tradicionalismo encontra sua influência no Brasil de Bolsonaro, sobretudo com o ideólogo Olavo de Carvalho, responsável por adaptar ideais do Tradicionalismo à realidade brasileira (TEITELBAUM, 2020).

Por último, outro conceito importante para entender a base ideológica da ultradireita no Brasil, costumeiramente presente nas falas do Ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo, é a “metapolítica”. Os grupos radicais de direita, ao compreenderem e acreditarem que, para obter poder e mudanças no âmbito político, precisariam iniciar esse processo de transformação ideológica a partir dos meios puramente sociais – isto é, pela cultura, educação e, mesmo, religião –, nomearam essa abordagem de metapolítica. Segundo Teitelbaum (2020), são nesses lugares que os nossos valores são formados, não em urnas eleitorais, e é conseguindo alterar a cultura de uma sociedade que se é vitorioso numa tentativa política. É assim que esses governos, ao assumirem o poder, iniciam por alterar e inserir sua ideologia e suas crenças nos meios de comunicação, nas formas de entretenimento em geral e, talvez o mais importante, no sistema educacional, chegando a alterar grades curriculares de escolas e universidades – e mesmo a coibir ou sabotar (por exemplo, com cortes de incentivos financeiros) certas áreas acadêmicas (como é o caso comumente feito com Filosofia e História, e visto recentemente no Brasil) e, o que é o mais antigo, banir certos livros.

Teitelbaum (2020) explica esse processo, sugerindo que as campanhas metapolíticas têm tomado uma entre duas formas possíveis: ou seus ativistas procuram incorporar sua

mensagem em canais culturais existentes, ou buscam criar canais alternativos próprios para competir com aqueles do “*mainstream*”. E essa imagem não é muito distante da vista no Brasil desde 2019 e 2020. Seria a diferença, segundo ele, entre editar artigos na internet ou criar uma página alternativa, infiltrar-se numa subcultura ou iniciar uma própria, e mudar o currículo escolar ou fundar uma escola que seria devotada à causa – vê-se que na primeira opção de abordagem há uma tentativa menos abrupta e que tenta um alcance maior da sociedade, já na segunda há um confronto claro, radical e notório, almejando formar uma sociedade paralela numa luta pelo poder (TEITELBAUM, 2020).

Conclui-se, portanto, que o governo Bolsonaro, de fato, pode ser inserido no âmbito da ultradireita, o que é corroborado pela incorporação de estratégias metapolíticas em seu governo e da ideologia Tradicionalista de Olavo de Carvalho como sua base intelectual. Adiante, buscar-se-á demonstrar o modo pelo qual essa ideologia foi incorporada à política externa brasileira na gestão Ernesto Araújo.

3 A POLÍTICA EXTERNA DE BOLSONARO SOB A GESTÃO ERNESTO ARAÚJO

Uma vez definidos os parâmetros intelectuais, vinculados à ultradireita, do governo Bolsonaro, o presente capítulo busca observar a maneira pela qual essa ideologia pautou a condução da política externa brasileira sob a gestão de Ernesto Araújo. Analisa-se, a seguir, os discursos de Araújo e os caminhos da PEB desde 2019, demonstrando suas inflexões e rupturas.

A partir de 2019, a Política Externa brasileira dá uma clara guinada para a direita. Com toda essa base ideológica da ultradireita – que, no Brasil, teve como grande patrono o autoproclamado filósofo Olavo de Carvalho –, a PEB muda seus rumos, adequando-se à visão ideológica do recém-eleito Presidente Jair Bolsonaro e de seu então Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo. Assim, percebe-se a ruptura com os padrões tradicionais da diplomacia brasileira, como o distanciamento do multilateralismo e a imprevisibilidade.

Segundo Casarões (2019), analisa-se o conteúdo de política externa de candidatos à presidência a partir de três aspectos, os quais: seus objetivos, princípios e estratégias. Os objetivos corresponderiam a o que o Brasil quer de suas relações internacionais e, sendo de comum acordo que a PEB deve servir para desenvolver a nação, os caminhos seriam variáveis para alcançá-lo. Há aqueles que perseguem esse objetivo de maneira autônoma, completamente independente e tendo em vista apenas o interesse nacional; há os que, diferentemente, buscam o desenvolvimento interno através da integração com o mundo; e, por

fim, os que escolhem condicionar seu desenvolvimento a alinhamentos específicos, que usualmente são de caráter ideológico ou identitário (CASARÕES, 2019). Já os princípios, ou valores, concernem a o que o Brasil acredita, e regem suas relações internacionais, pontos que estão solidificados no artigo 4º da Constituição Federal de 1988, como a prevalência dos direitos humanos, solução pacífica dos conflitos, defesa da paz, repúdio ao terrorismo e ao racismo, e cooperação entre os povos para o progresso da humanidade (BRASIL, 1988) – de uma maneira geral, todos valores que têm prevalecido desde o fim da Segunda Guerra Mundial como elementos da ordem internacional multilateral (CASARÕES, 2019).

Em sua candidatura, Bolsonaro demonstrou que, no âmbito da PEB, perseguiria o objetivo de desenvolvimento através de uma reconstrução de identidade internacional do Brasil, de forma que faria alinhamentos cujo critério seria identitário, seu foco seria aproximar o Brasil de países democráticos e desenvolvidos, aludindo especificamente, em seu Plano de Governo, à sua aproximação de “democracias importantes, como EUA, Israel e Itália” (PSL, 2018, p. 79). Em termos de princípios da política externa, surge amplamente o caráter e defesa “anti-globalista”, chegando a dizer em entrevista que, se eleito, deixaria a ONU, pois a Organização seria um local de reunião de comunistas e que não teria compromissos com a América do Sul (FOLHA DE S. PAULO, 2018). Por fim, Bolsonaro apresentou uma estratégia de relações bilaterais, patente pela sua forte rejeição ao multilateralismo e pela ênfase dada aos acordos bilaterais em seu programa de governo (CASARÕES, 2019).

Sendo assim, a prática diplomática brasileira, tradicionalmente interessada em aderir a variados regimes internacionais e organismos multilaterais desde o Barão do Rio Branco, sofreu múltiplas inflexões sob o governo Bolsonaro. Ernesto Araújo, um diplomata de carreira Antiglobalista, Tradicionalista e defensor da metapolítica, é nomeado para a chancelaria por indicação de Olavo de Carvalho por representar os interesses e as ideologias da ultradireita no Brasil. Pouco antes das eleições presidenciais, em 2017, Araújo havia publicado um artigo intitulado “Trump e o Ocidente” nos Cadernos de Política Exterior do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (ARAÚJO, 2017), alçando o ex-presidente norte-americano Donald Trump (símbolo da direita radical no mundo) a uma posição heroica de salvador de um Ocidente que, segundo ele, estaria em declínio (RIBEIRO; PINI; SANTOS, 2021). Após isso, tornar-se-ia público o seu alinhamento político a Bolsonaro na sua página da internet “Metapolítica 17 Contra o Globalismo”.

Sobre o que seria metapolítica já se foi discutido no capítulo anterior, porém “Globalismo”, termo recorrentemente utilizado por Araújo em seus discursos e textos, tem um

significado bem peculiar, e especialmente significativo quando proferido por um indivíduo que ocupa o cargo de chefia das Relações Exteriores de um país. Nas palavras dele mesmo, descrevendo-se em sua página pessoal:

Quero ajudar o Brasil e o mundo a se libertarem **da ideologia globalista**. Globalismo é a globalização econômica que passou a ser pilotada pelo **marxismo cultural**. Essencialmente é um sistema anti-humano e anti-cristão. **A fé em Cristo significa, hoje, lutar contra o globalismo**, cujo objetivo último é romper a conexão entre Deus e o homem, tornado o homem escravo e Deus irrelevante. **O projeto metapolítico** significa, essencialmente, abrir-se para a presença de Deus na política e na história (ARAÚJO, 2017, grifo nosso).

Termo que integra o escopo semântico dos círculos de ultradireita, o “globalismo” a que Araújo se refere e que leva o título de sua página, vincula-se ao “marxismo cultural” – nome de uma teoria da conspiração que surge como consequência do pensamento metapolítico. A metapolítica nascera dos impactos do pós-2ª Guerra Mundial, quando, devido a uma série de mudanças sociais, políticas e culturais no mundo, os franceses Alain de Benoist e Guillaume Faye, seus autores, defenderam exatamente um contraponto a todos os novos valores advindos dessa nova época. Para eles, a partir daquele momento, valores liberais tornaram-se intrínsecos às sociedades ocidentais, e “conceitos como liberdade e igualdade tornaram-se premissas indiscutíveis” (PINI, 2021, p. 192; TEITELBAUM, 2019). Portanto, defendem que há de ser criado “um denominador político comum”, isto é, uma oposição a esses novos valores “de esquerda” que se tornaram consensuais e impassíveis de críticas.

A ideologia metapolítica, então, vem como uma forma de estabelecer uma “Guerra Cultural” de direita contra os supostos valores disseminados pela esquerda no Ocidente. Isso advém da crença de que estaria em curso uma suposta dominação cultural por parte da esquerda marxista, fazendo com que seja necessária uma revolução contrária priorizando as questões culturais (PRADO, 2021). Dessa forma, surge o termo “marxismo cultural”, fazendo alusão a supostos ideais da esquerda marxista – que estaria colocando em prática seu plano cultural de tornar o Ocidente mais “multicultural” e “homossexual”, por exemplo (PINI, 2021). Ademais, seus defensores afirmam que o marxismo cultural teria criado o “politicamente correto” – que, para eles, seria outra forma de domínio e homogeneização do pensamento – e que as elites intelectuais seriam, dessa forma, os agentes da “degradação moral” da sociedade (PRADO, 2021). Valendo ressaltar que, em sua proposta de Plano de Governo, nas eleições de 2018, Jair Bolsonaro já colocava que, nos últimos 30 anos, “o marxismo cultural e suas derivações como o gramscismo” estavam minando os valores da nação e da família (PSL, 2018, p.8).

Assim, o “globalismo” entra como uma dessas facetas do marxismo cultural que deveria ser combatida. Para Araújo, em sua página pessoal, atualmente os marxistas estariam paulatinamente substituindo o socialismo pelo globalismo como o “estágio preparatório ao comunismo” (RIBEIRO; PINI; SANTOS, 2021, p. 15). Segundo ele, o globalismo se trataria da globalização econômica que foi apoderada pelo marxismo, processo que teria se iniciado logo após o fim da URSS e se intensificado a partir de 2000.

O globalismo nasceu quando a globalização capitalista, ao esquecer o espírito, entregou-se inconscientemente ao comunismo em sua metástase pós-soviética, ou seja, o marxismo de Gramsci e da New Left, da Revolução Cultural (tanto a ocidental quanto a chinesa), que sempre almejou ocupar o capitalismo por dentro em vez de enfrentá-lo de fora [...] Vemos o processo de uma estranha alquimia ao inverso, que vai conseguindo transformar o ouro espiritual em chumbo inerte. Que escraviza as melhores energias do ser humano - a ciência, a tecnologia, o pensamento, a arte [...] em favor de uma cultura da morte, da mentira e da maldade (ARAÚJO, 2017)

Ao escrever um texto para o jornal Gazeta do Povo (2018), o ex-chanceler traz esses conceitos aplicados à política do novo governo, exemplificando o “projeto metapolítico” no Brasil. Nele, Araújo diz que sua principal missão, confiada a ele pelo presidente, era o de libertar o Itamaraty da ideologia, que seria a marxista. Segundo ele, há muito tempo que o marxismo deixou de buscar o controle dos meios de produção material e passou a procurar o controle dos meios de produção intelectual. De tal forma que: “Vencida na economia, a ideologia marxista, ao longo das últimas décadas, penetrou insidiosamente na cultura e no comportamento, nas relações internacionais, na família e em toda parte” (ARAÚJO, 2018). Apresentando muito da base ideológica que pautaria futuras decisões suas enquanto Ministro, Araújo afirma que:

As coisas que eu critico, critico-as porque sei que são parte e continuação da ideologia [...]. O alarmismo climático (sobre o qual falarei em outra oportunidade), o terceiro-mundismo automático e outros arranjos falsamente anti-hegemônicos, a adesão às pautas abortistas e anticristãs nos foros multilaterais, a destruição da identidade dos povos por meio da imigração ilimitada, a transferência brutal de poder econômico em favor de países não democráticos e marxistas, a suavização no tratamento dado à ditadura venezuelana, tudo isso são elementos da “ideologia do PT”, ou seja, do marxismo, que ainda estão muito presentes no Itamaraty (ARAÚJO, 2018)

E, no mesmo texto, afirma que há pensadores marxistas trabalhando há 100 anos sem parar e de forma velada, programando uma penetração cultural, social e política num “projeto de poder” (ARAÚJO, 2018). Inclusive, como percebido acima, a mudança climática tem sido frequentemente chamada pelo ex-chanceler de “conspiração marxista” (CASARÃES; FLEMES, 2019).

Outrossim, Araújo deixa clara a sua posição política, assim como sua admiração pelo então presidente estadunidense – o que viria a coadunar com o alinhamento político que o

Brasil teria com os Estados Unidos durante todo o governo Trump –, ao iniciar seu artigo “Trump e o Ocidente” afirmando que:

O presidente Donald Trump propõe uma visão do Ocidente não baseada no capitalismo e na democracia liberal, mas **na recuperação do passado simbólico, da história e da cultura das nações ocidentais**. A visão de Trump tem lastro em uma longa tradição intelectual e sentimental, que vai de Ésquilo a Oswald Spengler, e mostra **o nacionalismo como indissociável** da essência do Ocidente. Em seu centro, está não uma doutrina econômica e política, **mas o anseio por Deus, o Deus que age na história** (ARAÚJO, 2017, p. 323, grifo nosso).

Aqui, Araújo apresenta, além de um forte aspecto religioso, a visão do Tradicionalismo da direita radical de que há um passado mítico e simbólico a ser recuperado – o mesmo passado ambicionado pelos políticos fascistas (ou ultranacionalistas) de Jason Stanley (2020). O revisionismo histórico é típico da ultradireita, e, como demonstrado acima, tem sido uma das marcas também da gestão Araújo no Itamaraty. De fato, como percebido em discursos do chanceler, é um comportamento que se repete:

Durante muito tempo, **falavam que não se pode discutir nada**. E agora, essa rediscussão vem junto com **a recuperação do passado histórico, a recuperação dos heróis** – herói é um conceito extraordinário que se perdeu, entre tantos outros. E eles estão reconectando-se com isso de maneira muito interessante. Então, acho que é importante olhar para lá nesse sentido. A Europa é um caso interessante de sociedades que estavam completamente adormecidas do ponto de vista histórico e político e que estão renascendo (ARAÚJO, 2019, p. 122).

Ademais, de forma substancial, a sinofobia sempre esteve presente nos discursos do ex-chanceler, recrudescendo sobremaneira quando essa aversão chinesa esteve presente no embate entre os governos dos Estados Unidos, com Trump de um lado, e da China, com Xi Jinping do outro. O alinhamento automático com os Estados Unidos escolhido pela PEB desde o início do governo Bolsonaro é um dos fatores responsáveis por ações como esta e tantas outras – como o posicionamento brasileiro seguindo os passos do ex-presidente Trump no concernente à pandemia de Covid-19, no que diz respeito a vacinas, tratamentos miraculosos sem comprovação científica e minimização do vírus, e, além disso, no âmbito do negacionismo climático.

Percebe-se, portanto, que Ernesto Araújo foi responsável por incorporar ideologias da ultradireita ao corpo intelectual da política externa brasileira, fazendo referências constantes ao “marxismo cultural” e ao “globalismo”. Demonstra-se, assim, que o governo Bolsonaro, ao criticar a suposta carga ideológica do Itamaraty, fazia referência a interpretações particulares acerca da tradição diplomática brasileira e o modo pelo qual ela havia sido implementada nas últimas décadas. Desse modo, coube a Araújo promover as inflexões culturais no Ministério das Relações Exteriores de modo a inserir as ideologias da ultradireita que pautaram o governo Bolsonaro, o que impactou nas relações com os EUA, como demonstrado

anteriormente, na postura do país frente à pandemia do coronavírus, como evidenciará o próximo capítulo.

4 A POLÍTICA EXTERNA DE BOLSONARO E O COMBATE À COVID-19

Tendo em vista a definição ideológica do governo Bolsonaro enquanto pertencente à ultradireita e a incorporação dessa ideologia à política externa brasileira a partir da ação de Ernesto Araújo, o presente capítulo busca relacionar essas questões com a pandemia do Covid-19, que afligiu o mundo a partir de 2020. Argumenta-se, adiante, que mesmo em meio a uma pandemia global, que, paulatinamente, ocasionou milhares de mortes no mundo, e, em especial, no Brasil, a gestão Araújo no Itamaraty não renunciou a suas interpretações ideológicas acerca dessa questão. Postura que trouxe graves consequências tanto no cenário doméstico – com o negacionismo associado a políticas públicas ineficientes no combate ao Covid-19 – quanto no plano internacional, com graves prejuízos à imagem do Brasil globalmente.

Com suas postagens nas mídias digitais sendo excluídas por infringirem as políticas das redes sociais, ao disseminar informações incorretas sobre o vírus, e com reiteradas negações à seriedade da pandemia, o governo Bolsonaro conseguiu isolar mais ainda o Brasil no cenário internacional, fazendo o país ser motivo de piada em reuniões internacionais pela sua insistência em implementar políticas públicas anticientíficas em meio a uma crise sanitária (G1, 2021; CNN BRASIL, 2021; BBC BRASIL, 2020; CARTA CAPITAL, 2021, DEUTSCHE WELLE, 2021). Assim, a divulgação da cloroquina e da ivermectina como medicamentos miraculosos contra o vírus (sem eficácia comprovada), a crítica ao isolamento social e ao uso de máscaras mesmo com evidências empíricas sobre seus efeitos positivos para achatar a curva de infecção, e a minimização do novo coronavírus (chamando-o de “gripezinha”) são apenas algumas das ações tomadas pelo governo e seus Ministros desde o início da pandemia. Dessa forma, o negacionismo, o ceticismo e as *fake news* teriam sido utilizadas para propagar o vírus, quando o papel do Estado era contê-lo.

A disseminação de informações incorretas, ou *misinformation* (isto é, compartilhamento de inverdades de forma não intencional), e de desinformação, ou *desinformation* (mentiras criadas e disseminadas propositalmente), e seu uso pelo atual governo, está sob investigação no Brasil desde 2019 por uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), criada pelo Congresso Nacional (RICARD e MEDEIROS, 2020). De acordo com várias testemunhas obtidas na investigação, foi identificada a existência de uma estrutura ligada ao gabinete da Presidência, que foi apelidada “Gabinete do Ódio”. Essa

estrutura seria responsável por coordenar a difusão de desinformação em massa, teorias da conspiração e ataques a adversários políticos do Presidente (RICARD; MEDEIROS, 2020; ESTADÃO, 2019; CORREIO BRAZILIENSE, 2020). Já no contexto da crise sanitária da Covid-19, a CPMI realizou uma investigação específica sobre os perfis online que estariam propagando desinformação acerca da pandemia e acabou identificando um surto de desinformação em torno de três grandes temas. O primeiro gira em torno de informações pseudocientíficas sobre sintomas, riscos e curas; o segundo trata de medidas de prevenção e controle adotadas por outros países e recomendadas por organismos internacionais e seus supostos efeitos colaterais “catastróficos”; e o terceiro tem por foco atacar (ou promover) tomadores de decisão ou figuras públicas com o intuito de deslegitimar aqueles que apoiam medidas de isolamento social e em elogiar os que defendem publicamente o “retorno à normalidade” (RICARD; MEDEIROS, 2020). Vendo-se, dessa maneira, uma atuação intencional do governo de forma a minimizar a gravidade do vírus, menoscar as medidas de isolamento e gerar suspeitas quanto aos dados públicos.

Sendo uma das bases ideológicas do Olavismo, e, conseqüentemente, do governo Bolsonaro, o Tradicionalismo é uma ideologia essencialmente contra a Modernidade e, conseqüentemente, o desenvolvimento do pensamento científico inerente à modernidade. Só faz sentido, assim, que qualquer política pública “*evidence-based*” e “*science-based*” sejam amplamente desprezadas por um governo com tal base ideológica, como é o caso do ex-Ministro Ernesto Araújo. Identifica-se, assim, o Tradicionalismo como uma das influências intelectuais vinculadas ao emaranhado de pensamentos de ultradireita que influenciaram diretamente nas concepções negacionistas e anticientíficas do Brasil em meio à pandemia de Covid-19.

Isso fica flagrante em um artigo publicado na página pessoal de Ernesto Araújo na internet (o Metapolítica 17 Contra o Globalismo), intitulado “Chegou o Coronavírus”. Nessa publicação, Araújo diz que o novo coronavírus traz novamente o “pesadelo comunista”, que a pandemia representaria uma grande oportunidade para a construção de uma ordem mundial sem nações e sem liberdade, e que os comunistas-globalistas se apropriariam da pandemia para subverter a democracia liberal e a economia de mercado, escravizando o indivíduo e o transformando em um “autômato desprovido de dimensão espiritual” (ARAÚJO, 2020). Acrescenta ele que:

O vírus aparece, de fato, como imensa oportunidade para acelerar o projeto globalista. Este já se vinha executando por meio do climatismo ou alarmismo climático, da ideologia de gênero, do dogmatismo politicamente correto, do

imigracionismo, do racionalismo ou reorganização da sociedade pelo princípio da raça, do antinacionalismo, do cientificismo (ARAÚJO, 2020).

O então chanceler, por conseguinte, interpretou que o coronavírus é um plano comunista, reiteradas vezes criticou a Organização Mundial da Saúde (OMS) e comparou as restrições sanitárias aos campos de concentração nazistas, levantando a bandeira de que a liberdade individual estaria acima da saúde coletiva e que isso era uma opressão digna de regimes autoritários. Em seu discurso na 31ª Sessão Especial da Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU) em resposta à pandemia de Covid-19, em dezembro de 2020, Araújo fala inclusive em “cerceamento da liberdade” e “controle social totalitário”, defendendo que “as liberdades fundamentais não são uma ideologia” e vinculando a dignidade humana à liberdade e a oportunidades econômicas, não prioritariamente à saúde. Culmina seu discurso dizendo que “O controle social totalitário não é o remédio para nenhuma crise. Não façamos da democracia e da liberdade mais uma vítima da Covid-19.” (ARAÚJO, 2020). Outrossim, reiterando seu posicionamento contra as restrições sociais ocasionadas pela pandemia, e em oposição às medidas sanitárias defendidas pela OMS, Araújo, na Reunião do Conselho do Mercado Comum (CMC) do MERCOSUL, em dezembro de 2020, discursa dizendo que:

A grande crise que ameaça abater-se sobre o mundo, entretanto, não é a crise econômica, nem a crise de saúde, nem a mudança climática. A crise verdadeira virá se, a pretexto de combater as crises de saúde, econômica e os desafios ambientais, sacrificarmos a liberdade e a democracia (ARAÚJO, 2020).

Ademais, dentro do escopo dos comportamentos paradigmáticos que a Política Externa Brasileira vem tomando desde 2019, na contramão do mundo e em oposição às orientações da OMS, há outras abordagens em relação à pandemia que representam inflexões flagrantes à tradição diplomática do país. São elas a oposição do Brasil à quebra de patentes da vacina na Organização Mundial do Comércio (OMC) e a decisão de não requisitar a integridade de sua cota no mecanismo Covax Facility. Assim, ao se opor ao multilateralismo tradicional da diplomacia brasileira e ao criticar reiteradas vezes a OMS no decorrer da pandemia, Ernesto Araújo ignora e põe em xeque a necessidade de coordenação e diálogo em âmbito internacional durante uma crise humanitária global que teve na Organização Mundial da Saúde o principal órgão dedicado a estudar e propor políticas públicas de modo a combater o vírus e impulsionar a produção das vacinas (RIBEIRO, PINI e SANTOS, 2021).

Araújo divergiu constantemente desse órgão. Por exemplo, a OMS se pronuncia em março de 2020 e 2021 sobre a ineficácia da hidroxicloroquina para COVID-19 e seus efeitos adversos (CNN BRASIL, 2020; CNN BRASIL, 2021), e, contra as diretrizes adotadas por essa instituição, Araújo continuou defendendo esse medicamento como tratamento precoce em reuniões internacionais – como visto na Reunião Informal Ministerial da Comunidade de

Países de Língua Portuguesa, em 28 de setembro de 2020, e na reunião do Grupo de Coordenação Ministerial sobre Covid-19, em 10 de setembro de 2020.

Por conseguinte, posicionando-se contra a quebra de patentes, na OMC, que auxiliaria a produção e a compra de vacinas, Araújo foi contra o posicionamento esperado do Brasil (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2021). Tanto por ser um país emergente como pelo seu histórico diplomático, esperava-se que votasse a favor, assim como a Índia e vários países emergentes o fizeram (DEUTSCHE WELLE, 2021). Porém, o que se viu foi que o Brasil se posicionou ao lado da União Europeia, Reino Unido e Estados Unidos nessa questão. E, ao negociar com o Covax Facility – o consórcio internacional sob supervisão da OMS e da Aliança Mundial para Vacinas e Imunização (Gavi) – a respeito da compra de vacinas, o Brasil teria deixado de adquirir metade das doses possíveis, desistindo delas às vésperas da conclusão do contrato. Isso é o que mostram os documentos de comunicações diplomáticas entre a Embaixada brasileira junto à Organização Mundial da Saúde em Genebra, o governo do Brasil e a Gavi (CNN, 2021).

No presente capítulo buscou-se demonstrar a influência das ideologias de ultradireita do chanceler Ernesto Araújo em meio às políticas públicas orientadas pela política externa brasileira no período no qual Araújo esteve à frente do Itamaraty, o que ocorreu justamente em meio ao começo da pandemia global de Covid-19. Argumenta-se, assim, que o Brasil rompeu com sua tradição pragmática no exercício da política externa, pautando-se por ações e discursos majoritariamente ideológicos. Com efeito, o Brasil teve sua imagem internacional desgastada em virtude de posições negacionistas e anticientíficas.

5 CONCLUSÃO

Percebe-se, portanto, ao analisar as políticas do governo durante a pandemia e os discursos do MRE, que a ideologia da ultradireita foi um fator fundamental que guiou as escolhas dessa administração no período analisado. Ao destrinchar os componentes ideológicos que compõem essa corrente de pensamento, vê-se seus elementos nas falas e decisões, nas críticas e posicionamentos. Desde a defesa de medicamentos miraculosos até a disseminação de teorias da conspiração em torno da crise sanitária enfrentada desde 2020, vê-se que Ernesto Araújo baseou suas decisões no repúdio ao globalismo e ao “sanitariamente correto”, na metapolítica enquanto estratégia e no Tradicionalismo enquanto oposição ao progresso científico.

Ademais, percebe-se a desinformação, a negação e o uso de inimigos imaginários como parte da retórica do ex-Ministro de Relações Exteriores quando no cargo, denunciando as medidas “totalitaristas” de combate à pandemia, o “comunavírus” enquanto criação da China e o “marxismo cultural” que estaria supostamente por trás das medidas de combate ao Covid-19, planejadas por uma “elite não eleita”. Ao proferir esses discursos em fóruns e encontros multilaterais, a gestão de Araújo à frente do MRE marca uma quebra dos padrões tradicionais de diplomacia da PEB, sempre pautada no multilateralismo e na confiança em organismos internacionais (RIBEIRO, PINI e SANTOS, 2021; RICUPERO, 2017).

Percebeu-se que, tal qual Trump, num *modus operandi* populista, a política externa de Bolsonaro visa agradar sua base política (CASARÕES; FLEMES, 2019). Atuando, assim, sem qualquer respeito às suas responsabilidades globais, como é o caso da proteção da Amazônia – em que as mudanças climáticas foram chamadas de “conspiração marxista” pelo ex-chanceler –, negligenciou a pandemia, em que é de interesse mundial que o vírus seja contido e as pessoas, vacinadas, evitando, dessa forma, o surgimento de novas variantes e o aumento do número de mortes.

Percebe-se, na análise da gestão de Araújo à frente do Itamaraty, a temática do nacionalismo exacerbado – costumeiramente presente em ideologias de ultradireita, em que o passado é sempre grandioso. Um momento em que Araújo faz isso, discorrendo sobre um suposto passado grandioso que deve ser resgatado, e clama seus ouvintes a almejarem também essa sua versão da História, é no seu discurso da cerimônia de posse como Ministro das Relações Exteriores, no Itamaraty. Nele, diz que o Brasil estaria vivendo o momento de uma nova independência, e que era preciso “desesquecer” e que as pessoas lembrassem de quem são e de quem estão “voltando a ser”.

Uma fala que sempre traz questionamentos como que passado seria esse ou quem os indivíduos estão voltando a ser. Na história recente do Brasil, houve a ditadura militar, entre 1964 e 1985, marcada por violações de direitos humanos e a erosão da democracia do país, num tempo em que a repressão vigorava nas ruas e não havia justiça para os crimes cometidos pelo Estado. Além disso, o Brasil é permeado pelas reminiscências de uma escravidão tardia, cujas consequências são até hoje sentidas, em meio a um evidente racismo estrutural na sociedade. Assim, pergunta-se quem obtém vantagens apagando esse passado e qual seria o propósito de tentar ocultá-lo, romantizando-o. Desse modo, questiona-se qual o passado idealizado no Brasil pela ultradireita, e quem, evidentemente, é excluído dessa concepção.

A Alemanha, no século XXI, ensina sobre os perigos de se esquecer a História e da importância de sua lembrança constante para não a repetir. Lembrada sempre pelo seu papel central na 2ª Guerra Mundial e pelo Holocausto nazista, o país, desde 1993, tem uma lei que trata dessa questão. Segundo o artigo 130 do código penal alemão, “quem negar, aprovar ou minimizar, publicamente ou em uma reunião, um ato cometido durante o regime nacional-socialista [...] será punido com pena de prisão de até cinco anos” (EL PAÍS, 2018). Assim, trabalham o governo alemão e o *Internationalen Auschwitz Komitee* (o comitê internacional de Auschwitz), de modo a salvaguardar essa “memória coletiva” alemã e prevenir mudanças de narrativas numa época de prevalência da pós-verdade, para que a história não seja perdida e repetida. Portanto, quando seguidores da direita radical ou da extrema direita iniciam seus discursos revisionistas do passado, isso não deveria ser algo normalizado. Algo que tem sido visto em relação a fatos também recentes, quando há tentativas de distorção da dados, falas ou medidas públicas – como ocorreu durante a pandemia (DEUTSCHE WELLE, 2021). E quando legitimam abertamente comportamentos xenófobos, racistas, autoritários e antidemocráticos, popularizando-os novamente, é preciso haver uma reavaliação dos parâmetros da democracia, como, por exemplo, a liberdade de expressão e quais são os seus limites.

REFERÊNCIAS

- À CPI, Araújo tenta reescrever atuação à frente do Itamaraty. **Deutsche Welle**. 18 de maio 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/%C3%A0-cpi-ara%C3%BAjo-tenta-reescrever-atua%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-frente-do-itamaraty/a-57575204>. Acesso em 18 de mar. 2022.
- ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. Chegou o Comunavírus. In: ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. **Política externa: soberania, democracia e Liberdade**. Coletânea de discursos, artigos e entrevistas do Ministro das Relações Exteriores. Brasília: FUNAG, 2020.
- ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. Discurso de posse do Ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo. In: ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. **A nova Política Externa brasileira**. Seleção de discursos, artigos e entrevistas do Ministro das Relações Exteriores. Brasília: FUNAG, 2019.
- ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. **Metapolítica 17 Contra o Globalismo**. Disponível em <https://www.metapoliticabrasil.com/>. Acesso em 30 de jan. de 2022.
- ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. Trump e o Ocidente. **Cadernos de Política Exterior**, v. 3, n. 6., dez. 2017. Disponível em https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/1-92-cadernos_de_politica_exterior_ano_3_numero_6_segundo_semestre_de_2017. Acesso em 31 de jan. de 2022.
- ARENDDT, Hannah. **The Origins of Totalitarianism**. Nova York: Harcourt Brace, 1973.

BOBBIO, Norberto. **Left and Right: The Significance of a Political Distinction**. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

Bolsonaro mente em pronunciamento sobre a pandemia. **Deutsche Welle**. 24 de mar. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-mente-em-pronunciamento-sobre-a-pandemia/a-56970282>. Acesso em 18 de mar. 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

“Brasil sairá da ‘ONU comunista’ se eu for eleito, diz Bolsonaro”. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 de ago. 2018. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/brasil-saira-da-onu-comunista-se-for-eleito-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em 28 de fev. 2022.

Brasil vira piada em parlamento francês sobre o uso de cloroquina contra a Covid-19. **Carta Capital**. 14 de abr. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/brasil-vira-piada-em-parlamento-frances-sobre-o-uso-de-cloroquina-contra-a-covid-19/>. Acesso em 15 de mar. 2022.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Chanceler diz que quebra de patentes não garante maior oferta de vacinas** - 24/03/21. Youtube, 24 mar. de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3aX5h_WZHGw. Acesso em: 14 de mar. de 2022.

CASARÕES, Guilherme. Eleições, política externa e os desafios do novo governo brasileiro. **Pensamiento propio**, v. 24, p. 231-274, 2019.

CASARÕES, Guilherme; FLEMES, Daniel. **Brazil First, Climate Last: Bolsonaro’s foreign policy**. GIGA Focus, Hamburgo, n. 5, p. 1-13, set. 2019.

Como funciona o ‘gabinete do ódio’? Quanto ele pode comprometer família Bolsonaro? **Estadão**. 09 de dez. 2019. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/estadao-podcasts/como-funciona-o-gabinete-do-odio-quanto-ele-pode-comprometer-familia-bolsonaro-ouca-no-estadao-noticias/>. Acesso em 07 de mar. 2022.

Documentos indicam que Brasil desistiu de mais de 40 milhões de doses do Covax. **CNN Brasil**. 10 de jun. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/documentos-indicam-que-brasil-desistiu-de-mais-de-40-milhoes-de-doses-do-covax/>. Acesso em 14 de mar. 2022.

Em carta, diplomatas pedem saída de Ernesto Araújo. **Deutsche Welle**. 28 de mar. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/em-carta-diplomatas-pedem-sa%C3%ADda-de-ernesto-ara%C3%BAjo/a-57032691>. Acesso em 19 de mar. 2022.

'Gabinete do ódio' vira o conselho da república durante pandemia. **Correio Braziliense**, 26 de mar. 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/26/interna_politica,837799/gabinete-do-odio-vira-o-conselho-da-republica-durante-pandemia.shtml. Acesso em 28 de fev. 2022.

'Gripezinha ou resfriadinho' e outras 7 frases controversas de líderes mundiais sobre o coronavírus. **BBC Brasil**. 07 de abr. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52205918>. Acesso em 08 de mar. 2022.

JÜPSKAS, Anders Ravik; LEIDIG, Eviane. **Knowing what’s (far) right: A compendium**. Oslo: Center for Research on Extremism, 2020.

Mandato popular na política externa. **Gazeta do Povo**, 26 de nov. 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/mandato-popular-na-politica-externa-dz03voyxuwbd3ds9rm0n696gh/>. Acesso em 02 de fev. 2022.

MUDDE, Cas. **The Ideology of the Extreme Right**. Manchester: Manchester University Press, 2000.

MUDDE, Cas. **The Far Right in America**. Londres: Routledge, 2018.

MUDDE, Cas. **The Far Right Today**. Cambridge: Polity Press, 2019.

OMS: Hidroxicloroquina não funciona contra Covid-19 e pode causar efeito adverso. **CNN Brasil**. 02 de mar. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/03/02/oms-cloroquina-nao-funciona-contr-a-covid-19-e-pode-causar-efeitos-adversos>. Acesso em 11 de mar. 2022.

OMS pede que países não usem remédios não autorizados contra coronavírus. **CNN Brasil**. 27 de mar. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/oms-pede-que-paises-nao-usem-remedios-nao-autorizados-contr-a-coronavirus/>. Acesso em: 11 de mar. 2022.

PINI, A. M. **Desinformação e Populismo Radical de Direita: o caso da eleição de Donald Trump em 2016**. 2021. 300 p. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

PRADO, Michele. **Tempestade ideológica: Bolsonarismo: a alt-right e o populismo liberal no Brasil**. São Paulo: Editora Lux, 2021.

Proposta para suspender patente de vacinas trava na OMC. **Deutsche Welle**. 12 de mar. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/sem-apoio-do-brasil-proposta-para-suspender-patente-de-vacinas-trava-na-omc/a-56859401>. Acesso em 18 de mar. 2022.

PSL. **“O caminho da prosperidade: proposta de plano de governo”**, 2018, p. 79.

RIBEIRO, Elisa; PINI, André; SANTOS, Júlio. O posicionamento do Brasil perante as Nações Unidas, a Organização Mundial da Saúde e a Organização Mundial do Comércio durante a pandemia de Covid-19: Quebra dos padrões tradicionais da diplomacia nacional. *In*: ALVES, Gleisse Ribeiro et al. (Org.). **A crise da COVID-19 no Brasil e seus reflexos**. Brasília: CEUB, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/15443/3/A%20CRISE%20DA%20COVID-19%20NO%20BRASIL%20E%20SEUS%20REFLEXOS.pdf>. Acesso em 26 de jan. 2022.

RICARD, J., & MEDEIROS, J. (2020). **Using misinformation as a political weapon: COVID-19 and Bolsonaro in Brazil**. Harvard Kennedy School (HKS) Misinformation Review. Disponível em: <https://misinforeview.hks.harvard.edu/article/using-misinformation-as-a-political-weapon-covid-19-and-bolsonaro-in-brazil/>. Acesso em 28 de jan. de 2022.

RICUPERO, Rubens. **A diplomacia na construção do Brasil (1750-2016)**. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2017.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: A política do " nós" e " eles"**. L&PM Editores, 2018.

STANLEY, Jason. **How fascism works: The politics of us and them**. Random House Trade Paperbacks, 2020.

TEITELBAUM, Benjamin R. Daniel Friberg and Metapolitics in Action In SEDGWICK, Mark (ed.) **Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy**. Londres: Oxford University Press, 2019.

TEITELBAUM, Benjamin R. **War for Eternity: Inside Bannon's Far-Right Circle of Global Power Brokers**. Nova Iorque: Dey Street Books, 2020.

‘Vovó nazista’ condenada por negar o Holocausto vai para a prisão. **El País**. 08 de maio 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/07/internacional/1525712897_322840.html#:~:text=Ssegundo%20o%20artigo%20130%20do,pris%C3%A3o%20de%20at%C3%A9%20cinco%20anos%E2%80%9D. Acesso em 02 de fev. 2022.

YouTube remove live de Bolsonaro com mentira sobre vacina da Covid e Aids e suspende canal por uma semana. **G1**. 25 de out. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2021/10/25/youtube-live-bolsonaro.ghtml>. Acesso em 07 de mar. 2022.

Youtube remove vídeos de Bolsonaro por informações incorretas sobre Covid-19. **CNN Brasil**, 21 de jul. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/youtube-remove-videos-de-bolsonaro-por-informacoes-incorretas-sobre-covid-19/>. Acesso em 07 de mar. 2022.